

Losnas, Calungas e Guinés. A presença e a atuação da população negra na região central do Brasil

Losnas, Calungas and Guines. The presence and acting of black population in the central region of Brazil

Luiz Carlos do Carmo
UFG
lzcarmo.lz@gmail.com

Resumo: Este artigo discute a presença e a atuação de homens e mulheres negros no processo de povoamento da região Central do Brasil. Interessa analisar a forma como centenárias construções sociais negras, os ternos de congos, as irmandades negras, as práticas religiosas, as formas de atuação contra a segregação racial, dentre outros permanecem e sinalizam para uma forma de compreensão e disputa de memória sobre os mais importantes acontecimentos que delineiam as balizas do presente da região.

Palavras-chave: presença; atuação; população negra; memória.

Abstract: This article discusses the presence and actions of black men and women in the process of populating the central region of Brazil. Is interesting to analyze how social constructions centennial black suits of Congo, black brotherhoods, religious practices, forms of action against racial segregation, and others remain and point to a way of understanding and memory contention about the most important events that delineate the goals of this region of Brazil.

Key-words: presence, activity, black population, memory.

A pluralidade de grupos populacionais brasileiros é inquestionável e não constitui um problema. Um país formado pela presença de um grande contingente de homens e mulheres de diversas partes do mundo, que se somam aos milhões que aqui já residiam são, frequentemente, reconhecidos por diversos agentes e agencias. Nessa confluência, encontramos nacionalidades/etnicidades/práticas sociais próprias nos diversos conjuntos de hábitos, religiosidades, cosmovisões, maneiras de ser e de pensar o passado, o presente e o futuro em constantes negociações/tensões/enfrentamentos que passam a conviver, mais ou menos próximo, regidos por um conjunto de leis, mais ou menos comuns a todos e com desdobramentos particulares.

Apesar da caracterização inicial clara, do relevo das marcas de origem de cada um dos grupos populacionais deslocados, com o tempo, pode-se afirmar que os inúmeros modos

distintos de viver, de cada um daqueles diferentes agrupamentos populacionais, aqui radicados, em nada se pareciam com os professados pelos remanescentes nas localidades de procedência. Acredita-se que os inúmeros desdobramentos, negociações, apropriações, assimilações, recusas processadas historicamente dão nos pistas para se compreender elementos do desejo e da disposição de se permanecer e interagir em seu novo espaço.

Em terras brasileiras as várias populações estrangeiras, em muitos casos, deslocando-se via migrações, misturando-se, sedimentaram influências regionais, abraçaram novos elementos locais, influenciaram e foram influenciadas pelos demais membros da sociedade brasileira numa interação que permite pensar num país como uma nação, dotado de uma grande diversidade de culturas com identidades próprias. Pode-se apontar que as práticas que constituíram o estado brasileiro foram e, em muitos casos ainda, são marcadas pelas disputas e pelas intenções dos grupos que procuraram dar vazão aos seus interesses e às formas de pensar e tratar os demais grupos populacionais aqui presentes.

Ciente da riqueza produzida pelo contato com as diferentes bagagens, dos grupos de homens e mulheres, que formam o Brasil, de tempos em tempos um desconforto toma o ar, especialmente quando depara-se com práticas/opções pouco/nada negociáveis dos diversos grupos populacionais. Cumpre compreender o caso brasileiro, e as distintas formulações sociais dos grupos que formam a nação, sofrem, ao longo dos anos, com o convívio próximo, e a dinâmica das demais formações sociais brasileiras, pressões que os forçam a silenciamentos importantes, ou se as relações sociais estabelecidas caminham na direção de um equacionamento das diferenças de outrora e uma suave composição sem trauma.

Por sua vez, as lembranças, as memórias eleitas a serem preservadas e repassadas às novas gerações, pelos diversos grupos de brasileiros, parecem concorrer para que múltiplas e distintas formulações de como se viver, como se alimentar, criar os filhos, relacionar-se com a natureza, lidar com os mortos, receber o filho que acabara de nascer, o que, como e quando festejar, dentre outros elementos, são algumas, dentre um milhão de outras construções sociais que acabam, muitas vezes, conflitando com as elaborações sociais dos grupos vizinhos e que necessitam de negociações constante.

De maneira inspiradora, as ações das populações indígenas, por ocasião das imposições coloniais eurocêntricas na América espanhola, alertam para estratégias e capacidade de negociação e defesa dos fundamentos que se deseja passar às novas gerações. Seja em defesa de suas terras, e dos valores que encerram a vivência naqueles espaços, a

tentativa de reescrever a própria história de seus antepassados naquelas áreas, em disputa com os espanhóis, na forma de códices, em que os pictogramas e a escrita imiscuíam-se de forma única e original, mesclando elementos de uma antiga tradição de pinturas à concepção ocidental de registro e representação, os – “títulos primordiais”¹.

O objetivo desta comunicação é apresentar elementos de uma pesquisa e refletir sobre alguns elementos da dualidade entre as intenções de um dado registro do passado e a inspiradora presença de um grupo de práticas sociais na região Central do Brasil. Há que se considerar que as grandes reflexões sobre a sociedade nacional voltaram-se para a sua diversidade e pluralidade, e diferenças culturais, as distintas disposições coletivas, passando pela relação com a natureza; e a histórica interação com diversos outros grupos de brasileiros, tem-se, em linhas gerais os registros monumentais e narrativas escritas em que se evidenciam alguns rastros e trilhas da presença histórica de determinados grupos brasileiros.

Num primeiro momento, a disposição de pesquisa sobre a compreensão que os membros das famílias negras teceram sobre as disposições de ordenamento das relações sociais está orientado por reflexões diversas, espalhada por um sem número de autores, mas destaque as produções, mais ou menos, alinhadas pelo norteamento social da cultura. Dentre outras reflexões apoio-me nos apontamentos de Edward P. Thompson (1998), Natalie Zemon Davis (1980 e 1991) e suas preocupações com as questões, que figuraram durante algum tempo vinculado aos temas clássicos da história cultural, mas que se distanciam destas disposições e dos critérios que constituem seu diálogo, e Eric Hobsbawm (1998, p. 87), e sua crítica ao comportamento tímido dos historiadores que se sentiram intimidados por preocuparem-se com o amplo conjunto de pobres e oprimidos pelos projetos de sociedade, nos inspira e deixa ver uma disposição mais ligada a uma tradição “anglo saxônica” são alguns a serem lembrados.

A contundente presença histórica da população negra no interior da sociedade brasileira causa debates e posicionamentos contrastantes. Dos pouco mais de quinhentos anos de existência, tem-se mais de trezentos de produção de riqueza sem o devido pagamento. Três quintos de participação efetiva na construção de uma sociedade deveriam ser elemento, forte o suficiente, para o reconhecimento de uma atuação de alto valor na edificação de qualquer empreendimento. E a conhecida condição social, da maior parte da população negra brasileira,

¹ Para mais sobre a noção de Títulos primordiais, ver: Ethnohistory Coverage: 1954-1999 (Vols. 1-46): 2000-2009 (Vol. 47, No. 1 - Vol. 56, No. 4).

é acompanhada pelo incessante repertório crítico e reivindicatório desse grupo de sujeitos.

A partir de um grande número de conversas e entrevistas com homens e mulheres negros em algumas localidades tais como Monte Carmelo, Sacramento, Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba, Monte Alegre de Minas, Campina Verde, Prata, Frutal, Iturama, Patrocínio, Indianópolis, Estrela do Sul, Araguari dentre outras cidades do Triângulo Mineiro, e parte do Alto Paranaíba; além de Catalão, Itumbiara, Ipameri, Goiandira, Cumari, Anhangüera, Urutaí, Campo Alegre de Goiás, dentre outras do Sudeste de Goiás tem-se apontamentos, para além das inúmeras práticas sociais negras, (CARMO, 2005) acima citadas. E que se somam, e acabam dando feições e pontuando aspectos dos contornos da trajetória e da disposição que ensejou o movimento em direção ao futuro que os conjuntos de homens e mulheres negros se lançaram no passado. A partir deste quadro, dentre outros elementos, tem-se que:

quando uma espécie particular de evento sempre esteve, em todos os casos, em conjunção com outro, já não hesitamos em predizer, em face do aparecimento de um outro, o do outro, nem em empregar o único raciocínio que pode nos dar certeza quanto a qualquer questão de fato ou existência ...chamamos um objeto de *causa* e o outro de *efeito* (HUME. 2009, p.124)

Dessa forma o diálogo com o presente conjunto de homens e mulheres vivos e que residem há tempos nessa região é a estratégia e a justificativa para se compreender quais foram os embates, as pressões externas e tensões diversas que lapidaram a materialização de suas posições nos dias atuais, e nesse movimento, cumpre analisar a organização, as estratégias, os movimentos que encerraram a presença dessa população nesta porção do Brasil, uma vez que:

Ao contrário dos objetivos imediatos a que a memória voluntária tem de obedecer, a memória involuntária, que serve dos sentidos inferiores, é uma memória a longo prazo, que abrange o tempo de vida da pessoa. Anos e décadas podem estar entre a percepção sensorial inicial e a vivência lembrada efetuada. ... Em outras palavras, a memória involuntária passa por baixo de um esquecimento longo e profundo. Muito daquilo que afinal é invocado na memória por uma constelação mais ou menos casual de acontecimentos em si desimportantes, antes disso talvez tenha repousado durante metade de uma vida, oculto nas profundezas de um esquecimento insondável. (WEINRICH, 2001, p. 211)

Pode se apontar que, na região formada pelas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás a população negra, há tempos aqui radicada,

estabeleceram relações sociais, negociaram disposições, encaminharam propostas de construção em constante diálogo com as demais pretensões dos demais grupos populacionais aqui presentes. A longa presença de práticas sociais que ensejam aspectos da presença deste grupo populacional, tais como as Congadas, as Celebrações de Nossa Senhora do Rosário, os Clubes Negros, a presença dos bairros negros, dentre outros elementos permite pensar numa combinação de ações e negociações ao longo da existência desse contingente populacional nessa região.

Com sua própria configuração, normalmente de fácil compreensão, quando se pensa na diferença entre a ocupação colonizadora do nordeste brasileiro, até pela outrora ausência da cana de açúcar, a região Central do Brasil insere-se no exercício de se pensar o Brasil a partir do ciclo do ouro e as entradas bandeirantinas. A compreensão de que o núcleo de povoamento e sua origem em atividades subsidiárias da mineração ou que a elas se substituíram (PRADO, p 49, 2000) estimulou forma de percepção da região Central do Brasil, que de certa forma, insere a população negra no Estado e Minas Gerais, de forma inegável.

Na mesma direção, quando em 4 de abril de 1816, da anexação oficial da região do Triângulo a Minas Gerais, assim como a região de Paracatu, uma parte importante do repovoamento da faixa litorânea e a redistribuição demográfica no Centro-Sul, (PRADO, p 75, 2000), formando o que denomino de região Central do Brasil, em que encontram-se Irmandades Negras centenárias, Clubes Negros dos anos de 1930, Terreiros de Umbanda e Candomblé sexagenários, dentre outros que permitem pensar na presença e atuação de homens e mulheres negros nesta porção do país.

Durante todo o período de sua presença e atuação em terras brasileiras, o conjunto de homens e mulheres negros, em diálogo direto com as mais variadas formas de ser e de viver que se somaram à constituição da sociedade brasileira, parecem ter lutado pela transformação de alguns importantes princípios. Dentre alguns destaca-se a forma como, pretendeu, em vários momentos da história brasileira, ler e imputar ao passado, uma forma de figura social questionável no desenrolar dos caminhos trilhados pela sociedade que se constituía. Esta imputação, parecia pretender a concepção e naturalização permanente de inferioridade de grande parte da população. Por meio da mais hábil inversão, os mais de trezentos anos de trabalho escravo – gerador de riquezas -, não seriam negados, mas negativados, pois seriam responsáveis pela inadequação de uma massa de homens e mulheres que não se adaptariam à nova condição de relações sociais que se estabelecera.

Aparentemente na mesma direção, as experiências, as avaliações destes indivíduos, deveriam subsidiá-los com disposições sociais que os fariam posicionarem se, pós condição de escravizado, como sujeitos brasileiros, vestidos de uma cidadania de segunda ou terceira categoria. E desta forma ainda, repetia se o amplo processo de hierarquização dos grupos humanos, e os homens e mulheres negros brasileiros deveriam figurar como sempre pouco, ou nada participativo dos desígnios do Brasil. Por fim, nesta combinação de elementos, a cada transformação da sociedade brasileira, os grupos de homens e mulheres negros, aos olhos de alguns, eram percebidos como indesejáveis sujeitos, a serem transplantados a outros espaços, não raro, simbolizando o entrave em que se encontrava o país.

O Brasil é um produto escravista marcado pelos acontecimentos que se desenham desde o século XVI. Recebedor de 35% a 45% de todos os africanos comercializados para o novo continente, a feição negra brasileira é algo difícil de se negar. Das atividades no meio rural com o café, algodão, açúcar, fumo, nas explorações de ouro e diamante, passando pela pecuária, os milhares de africanos que aqui aportaram mudaram o cenário rural, mas também o urbano. Misturando se com os diversos tipos que aqui se lançavam, a presença de homens e mulheres negros impacta a cultura do novo mundo. Caracas, Nova Orleans, Guayaquil, Buenos Aires, Lima, Montevideu, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, dentre inúmeras outras são exemplos de espaços em que as relações sociais urbanas são tributárias das contribuições do contingente africano que deslocou se para a Venezuela, EUA, Colômbia, Argentina, Peru, Uruguai e Brasil, respectivamente. Interessa somar com as diversas contribuições sobre a presença e a atuação das populações de homens e mulheres negros em várias partes da América, investindo na análise dos envolvimento e disposições sociais num conjunto de pequenas e médias cidades nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste do Estado de Goiás, na porção Central do Brasil. Em termos mais amplos, são inegáveis as contribuições, sob os mais diversos enfoques, das produções de autores como Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, Gilberto Freire, Paulo Prado, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque, dentre outros, que tentaram compreender as conexões, os produtos, as interligações brasileiras, que inspiram a pensar as dinâmicas tecidas nos espaços menores, com construções temporais próprias, que se relacionam, que repercutem e/ou ignoram os acontecimentos dos grandes centros nacionais e internacionais.

Há que se considerar, que os homens e mulheres negros são descendentes dos conjuntos de indivíduos que constituíram a força de trabalho, por excelência, permanente das

atividades contínuas de agricultura, de criação de gado, mineração, além de trabalhos urbanos especializados e serviços domésticos, dentre outros, por mais de trezentos anos na sociedade brasileira. Descendentes de homens e mulheres escravizados, que vieram de diferentes partes da África, que sofreram os horrores da condição servil moderna, com transporte transatlântico, e as árduas condições nas fazendas e demais trabalhos, os atuais homens e mulheres negros foram entendidos como sujeitos submetidos à forças modeladoras destrutivas que teriam imputado lhes uma condição psicológica irremediavelmente desagregadora que o impossibilitaria de construir laços afetivos diversos.²

A pesquisa permite aproximar, de uma série de construções sociais importantes para o grupo de homens e mulheres negros radicados na região observada. Do quadro de luta pela permanência de símbolos e da premente demanda pela vivência diária, tem-se que, para muito além de sobreviver, uma vida é constituída de valores e sentidos compartilhados, pelos coevos, como de alinhamentos e disposições sociais que avançam e recuam no tempo. Desta forma, pode-se apontar que era objetivo da pesquisa, observar os homens e mulheres negros também como vítimas incontestáveis de uma formulação de Estado, que organiza e celebra determinadas memórias, e que sinuosa e paulatinamente insiste na tentativa de normatização de um comportamento social desejado.

E que no caso brasileiro, com as múltiplas contribuições sociais dos grupos de indivíduos que se somam, por certo, esta disposição assimilacionista, muitas vezes não condiz com as inúmeras compreensões do passado, de desejos sociais e valorizações históricas obtidas/pleiteadas que cercam o cotidiano brasileiro. Deste enredo, algumas ações históricas do Estado brasileiro são recorrentemente voltado para “grupos específicos”, dentre inúmeras outras questões que fazem crer numa construção de nação brasileira recheada de problemas³. E de forma clara, a combinação de elementos históricos que se avolumam nas análises, das realizações sociais dos homens e mulheres negros nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás, longe de impactarem negativamente a análise, promovem a aproximação de um quadro complexo de negociações rotineiras, de um grupo de sujeitos que

² Para mais ver: Mintz e Price, *An Anthropological Approach to the Afro-American Past*

³ Nunca faltaram razões para que as tensões sociais brasileiras não contivessem os principais elementos para uma cisão irreconciliável. Já foi dito que os 388 anos de escravidão da população africana, que mais tarde comporia um significativo percentual da população brasileira, fez com que esses indivíduos encerrassem uma dada particularidade de memória de ser brasileiro. O período com a forma monárquica, os anos de regime autoritário-oligárquico, os 36 anos de ditadura semi-fascista, os anos de regime democrático burguês, a ilusão de liberdades civis plenas, dentre outros elementos diários que externam, aos olhos de todos, os difíceis caminhos de construção de respeito à cidadania dos demais brasileiros.

não figuraram como detentores dos principais instrumentos de (in)gerencia nos desígnios deste país. Apoiando-me na materialidade das inúmeras celebrações anuais de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em praticamente todas as cidades observadas, com Irmandades Negras, algumas com posses, tais como terrenos, igrejas, prédios; os terreiros de Umbanda e de Candomblé, também presentes em todas as cidades pesquisadas, alguns com mais de setenta anos; os Clubes Negros, raros em atividade, mas com seus imóveis à vista, sinalizando claramente sua silenciosa existência; dentre outros, indicaram a solidez de uma construção de sentidos e disposições sociais num conjunto de pequenas e médias cidades brasileiras. E deixam ver, também uma porta de entrada para vislumbrar aspectos da vivência desses sujeitos que nem sempre são postos à luz dos debates que organizam políticas públicas, formam profissionais variados, que enfim, auxiliam a formar este país.

Dialogar com as versões das demais vivências em que aspectos ‘totêmicos’ da força política e histórica, ordenadora do social conhecido revelaram-se uma maneira na qual os sujeitos, que externam suas visões e suas compreensões dos lugares de poder, pudessem fazê-lo com a propriedade e a autoridade de quem fala acerca do que vivera e/ou do que acredita ter importância⁴. Nessa ótica, as fontes orais encerram a possibilidade maior “de fixar, de acumular conhecimento pelo letramento, as fontes orais colocam em xeque as demais versões e os conjuntos de experiências que tentam ordenar as interpretações locais” (PRINS, 1992, p. 163-198).

O diálogo histórico é, inerentemente, marcado pela força do pêndulo passado, presente e futuro, intrínseco nas disposições que marcam as lembranças atualizadas dos sujeitos, e recorre ao movimento efetuado pela memória de um grupo do contingente populacional negro, que vivendo nos dias atuais em cidades diversas, compõem um conjunto de detentores de um conhecimento, avaliações e posições próprios sobre o passado desta região, e, por extensão, do Brasil.

A fonte oral é o elemento maior do diálogo proposto, e a sua multiplicidade de possibilidades de interpretação das ações e escolhas dos grupos que figuram pouco nos locais consagrados de rememoração de projetos, perspectivas e posições políticas destaca-se, pois apesar da inigualável condição ‘quase intrínseca’ de oportunizar uma seqüência de

⁴ Compreender diversos aspectos importantes do vivido pelo conjunto de homens e mulheres negros, em um grande número de municípios, valorizando as percepções, as avaliações das iniciativas, das escolhas individuais, das opções encontradas frente às aspirações e os interesses compunham um ambiente único, a partir das revelações das narrativas dos entrevistados. Estas, por certo, são refinadas pelo passar dos anos e o acalmar dos corações. Nesse sentido, as fontes orais constituíram-se na melhor possibilidade de investigação.

observações, que outros materiais de pesquisa procuram omitir, em especial das relações de trabalho, dos valores culturais, dentre outros, não se prestam apenas a esta possibilidade interpretativa dos acontecimentos. Nesse sentido, pondera Alessandro Portelli, que:

A história oral não reside onde as classes operárias falam por si próprias. A afirmação contrária, naturalmente, não seria totalmente infundada: o relato de uma greve nas palavras e memórias de trabalhadores, ao invés daqueles da polícia e da (sempre inamistosa) imprensa, obviamente ajuda (embora não automaticamente) a equilibrar a distorção implícita naquelas fontes. (PORTELLI, 1997: 25)

O alcance e a perspectiva de investigação social de determinadas questões estão intimamente relacionados às fontes que se utiliza e a disposição de tensioná-las com as demais compreensões sociais sobre este ou aquele aspecto de uma sociedade. O uso da fonte oral e do conseqüente diálogo que persegue alguns aspectos da história oral, dentre outros atributos, proporciona a possibilidade de confrontação de sedimentadas versões e interpretações de acontecimentos de uma localidade, no caso de uma região do Brasil, perseguir nuances e as discrepantes observações sobre os mesmos, e os eventos ímpares ocorridos, dos pensados, dos imaginados, dos desejados por sujeitos sociais que compõem esta região. Soma-se a este quadro a oportunidade de se pensar a reverberação, a ausência, os alinhamentos, as disposições sobre muitos dos desígnios colocados a nível nacional.

Os relatos, as lembranças, mais distantes, evocadas pela grande maioria desses homens e mulheres negros, remeterá aos anos da vivência de avós, bisavós, e em alguns casos será possível alinhar apontamentos de membros familiares ainda mais velhos, marcando um período em que se destacam grande parte do movimento dos fios da memória evocada pelos depoentes, que consubstanciam e acabam traçam um perfil de parte das indagações sobre a forma como estas populações radicaram-se no interior destas cidades e aí teceram suas experiências de vida.

Tem se que na região formada pelas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás a população negra, há tempos aqui radicada, estabelecera relações sociais, negociara disposições, encaminhara propostas de construção, em constante diálogo com as demais pretensões dos demais grupos populacionais aqui presentes. Para a reflexão, a longa presença de práticas sociais que ensejam aspectos da presença deste grupo populacional, tais como as Congadas, as Celebrações de Nossa Senhora do Rosário, os Clubes

Negros, a presença dos bairros negros, dentre outros elementos permite pensar numa combinação de ações e negociações ao longo da existência desse contingente populacional nessa região.

As referências aos ternos de Congos, Moçambiques, Catupes, Vilões, Marinheiros, Marujos, dentre outros, permitem pensar em práticas e disposições sociais que assinalam a construção de uma nova dinâmica. A interação, no passado, vivida por homens e mulheres escravos de diferentes partes da África (Alta Guiné, da zona que se estendia do rio Senegal até a área ao sul de cabo Mount, na Libéria; a Baixa Guiné das lagoas da região ocidental da Costa do Marfim até Camarões; e por último a Costa de Angola) com diferentes tipos humanos na região (há no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste de Goiás, como em qualquer região brasileira, a presença de inúmeras conjuntos de imigrantes, tais como os diversos grupos de italianos, alguns franceses, portugueses, descendentes de alemães, japoneses, chineses, coreanos, sírios, libaneses, armênios, turcos, húngaros, poloneses, argentinos, bolivianos, chilenos, venezuelanos, dentre outros que se somam às populações de nativos do contingente das Américas.

Dentre o sem número de realizações das gerações passadas, chegam aos nossos dias, de forma insofismável, materializações como as importantes construções sociais negras na região, tais como as Festas de Nossa Senhora do Rosário; os Clubes Negros; as documentações das Sociedades Abolicionistas; as narrativas pautadas nas lembranças e memórias das participações nos times de futebol em que só jogavam jogadores negros; as indefectíveis presenças de Terreiros de Umbanda e Candomblé; as Associações de Homens de Cor; as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário; o grande número de benzedores; os Katendê - conhecedores de raiz e jinsaba; dentre outros de longa data, formam um amplo conjunto de construções e práticas sociais que permitem pensar numa forma de atuação e de construção de um caminho histórico próprio. Há que se considerar, que essas e outras formulações sociais, denotam uma forma de diálogo único, com endereçamento social definido, provavelmente, em direção aos encaminhamentos que procuraram determinar as diretrizes históricas de ser e de querer ser visto de um grupo populacional.

A consulta e análise primeira de diversos materiais, o prévio contato com os presidentes das Associações de Homens de Cor; com alguns presidentes das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário; com capitães de Ternos de Congos, Catupés, Moçambiques, Marinheiros; com algumas zeladoras de Santo; com ex-jogadores de futebol; com ex-

presidentes, participantes e colaboradores diversos dos Clubes Negros das cidades desta porção Central do Brasil, aproximam a possibilidade de se pensar as maneiras como alguns membros das populações negras pensaram, historicamente, e externam compreensões pessoais e sociais das transformações que marcam a região. Ao mesmo tempo interessa perseguir e problematizar a forma como deu-se o encaminhamento, as negociações, as sinuosidades das defesas dos conjunto de valores, contidos nas ações das gerações passadas.

Tomando as práticas sociais das populações, mais pobres, sobretudo, dos negros, como, também, narrativas de suas trajetórias e posições políticas sobre os acontecimentos do presente e do passado emanam nas entrevistas e homens e mulheres negros, tem se, com esta medida, a oportunidade de desmistificar uma dada compreensão das organizações destes grupos, normalmente entendidas e tratadas, apenas, como construções culturais, desprovidas de nexos e sentidos históricos, menos ainda, de capacidade de questionar, pleitear mudanças e de defender posições coletivas.

Não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção à fala; em suas inflexões vernaculares e locais, em sua rica produção de contranarrativas; e sobre tudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação. (HALL: 2003, 342)

Por esse aspecto, é compreensível a pretensão amalgamadora dos muitos posicionamentos acerca da construção da sociedade brasileira, e o receio de que, caso admitisse a variabilidade na gênese do processo de construção, o esfacelamento, a desintegração da sociedade seria algo inevitável.

As fontes orais são pensadas e buscadas para compor o conjunto de estratégias que possibilitariam a compreensão da criação dos meios tecidos para viabilizar a construção material e imaterial de um amplo grupo de sujeitos. A partir da análise dos elementos pesquisados, a presença de práticas sociais, os diversos apontamentos dos entrevistados, dentre outros pressupostos, que o conjunto de homens e mulheres negros, presentes na região em questão fazem, ao longo dos tempos, sua história, seja lá como for que resulte.

Do corpo documental trabalhado, com entrevistas e conversas realizadas em cerca de vinte e cinco cidades da região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste do Estado de Goiás, ao longo de vinte anos de pesquisa, houveram momentos marcados por relatos, apontamentos em que as explicações convergiam em inúmeros pontos, deixando ver inúmeros elementos de uma forma de princípio que, de uma forma ou de outra, mostravam os contornos de um formidável conjunto de imbricamentos de lembranças e avaliações de homens e mulheres negros, notadamente acerca dos envolvimento e posicionamentos sociais diversos. Dos caminhos percorridos, dos impasses vividos, das soluções orquestradas, dos sentidos de realização, das concretizações, das comemorações pelos desejos alcançados, dos embargos pessoais em meio aos dissabores dos investimentos não materializados, dentre inúmeros outros, pode se perceber apontamentos do viver e do querer ser visto nestas localidades.

A investigação acerca da presença e a atuação de homens e mulheres negros nesta região do Brasil Central, permitiu pensar acerca das ações e as formas de atuações marcadas pela presença deste conjunto de indivíduos, tais como as devoções a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Essa intenção era pautada na crença de que, sob quaisquer aspectos focados e a abordagem eleita para o estudo, esses sujeitos poderiam ser percebidos como interlocutores plenos, não raro na defesa de sentidos e desejos, inclusive capazes de avaliar e decidir sobre as tentativas de encaminhamentos de seus futuros, ao invés de apenas presos a uma tradição social religiosa que os condiciona. Essa premissa organizou boa parte dos esforços ao longo destas discussões.

A intenção primeira desta reflexão visava não essencializar um comportamento coletivo, mas entender se aquelas opções, como as de entregarem-se à Umbanda e ao Candomblé, à devoção a Nossa Senhora do Rosário, aos Clubes Negros, ao sentimento de pertencimento que alinhava os moradores dos bairros, outrora territórios negros, dentre outras escolhas e/ou contingenciamentos sociais, foram trazidos à tona por decisões de alinhamento com posições do passado a ser lembrado. E, em face das opções e posições do presente postas aos conjunto de homens e mulheres negros, as escolhas, as atuações deste indivíduos, deixavam ver uma atualização política de elementos do passado, instrumentalizando escolhas do presente e do dia que seguirá.

Talvez a pesquisa tenha deparado se com um cenário em que se possa vislumbrar a confecção de uma nova forma de ser. Diferentemente do que ocorrera na África, alicerce

cultural dos desdobramentos analisados na região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste de Goiás, uma vez que os vários descendentes de homens e mulheres negros escravizados, e os desdobramentos de sua presença e atuação nas dinâmicas nacionais que nos trouxeram aos dias atuais, permita pensar num quadro em que o produto da interação dos homens e mulheres escravos, e os demais sujeitos sociais que se alojaram em terras brasileiras delineiem as balizas de criação de algo novo.

Apesar do destaque, é possível pensar na singular forma da presença desse contingente e seu relacionamento, e de maneira nenhuma, acredita-se que tratar de duas histórias distintas da constituição dessas localidades, e da região analisada, ou de duas histórias que correm paralelas sem nunca se encontrarem, senão de uma só, cuja simbologia ora mostra o visível, ora insinua o invisível”, que coexistem há anos.

Referências

BASTIDE, Roger. *As Américas negras: as civilizações africanas no novo mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilização*. 3ª ed. São Paulo: Pioneira, 1989.

BERQUÓ, Elza. “A anticoncepção da população brasileira na virada do século”. In: *Homem-mulher: crises e conquistas*. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1987.

BRUIT, Hector Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas-SP. Unicamp. 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 5ª edição, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987

CHALHOU, Sidney. *Trabalho lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro na Belle époque*. 2. ed. Campinas: EDUNICAMP, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

- DAVIS, Natalie Zemon “Las formas de la história social”, *Historia social*, nº 10. Barcelona, 1991.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no sec XIX*. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo. Editora Unesp. 2005
- EAGLETON, Terry. *Depois da teoria. Um olhar sobre os Estudos Culturais e pós-modernismo*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2005
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Anhembi, 1961 (1ª ed. 1942).
- FERNANDES, Florestan. “Mário de Andrade e o folclore brasileiro”. *Revista do Arquivo Municipal, Departamento de Cultura, São Paulo, CVI*, 1964.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar, escrever esquecer*. São Paulo. Editora 34, 2006.
- GAGNEBIN, Jeane Marie. “Verdade e Memória do Passado”. *São Paulo. Revista Projeto História, São Paulo, nº 17*. 1998.
- GONZALES, Lélia. HASENBALG, Carlos. *Lugar do Negro*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1982.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 1ª edição, 2003
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HOBSBAWM, Eric J. *Sobre História*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2001
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979;
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ nº 10, 1993. pp 7-28.
- PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia*. São Paulo: Nacional, 1945.
- PIERSON, Donald. *Candomblé da Bahia*. Curitiba: Guairá, 1942.
- RAMOS, Artur. *As culturas negras no novo mundo*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1946.
- RICOUER, Paul & FRANÇOIS, Alan. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas-SP. Editora Unicamp. 2007
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp. 2007.

- SACHS, Ignacy & WILHEIM, Jorge e PINHEIRO, Paulo Sérgio. Brasil: um século de transformações. São Paulo. Companhia das Letras, 2001
- SAID, Edward W. Cultura e Resistência. Ediouro, São Paulo Edição, 2006.
- SAMUEL, Raphael. “Teatros de Memória”. Projeto História, São Paulo: Educ, nº 14, 1997
- SILVA, Eduardo; REIS, João José. Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista. Companhia das letras, 2ª edição, 1999.
- SILVA, Nelson de Vale. & HASENBALG, Carlos. Relações raciais no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1992.
- THOMPSON, E. P. A Peculiaridade dos Ingleses e outros artigos. Campinas. Unicamp, 2001
- THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VÁSQUES, Adolfo Sanches Filosofia da Práxis. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – Clacso; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.
- WILLIAMS, Raymond Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- YATES, Frances A. A arte da memória. Campinas SP: Editora Unicamp, 2007.